

A PROVÍNCIA

Informação • Cultura • Recreio

Semanário

AVENÇA

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

Redacção e Administração — Av. D. Nuno Alvares Pereira, 18 — Telef. 030 467
MONTIJO

Composição e Impressão—GRÁFICA MONTIJENSE—, LDA.—Telef. 030 0 49— MONTIJO

DIRECTOR
MOTTA PINTO

A Siderurgia Nacional, elemento de prosperidade para o País

A Assembleia Geral da Siderurgia Nacional, há dias realizada, constituiu magnífica ocasião de diálogo com o País acerca da marcha desta gigantesca realização, cuja importância vital para o desenvolvimento económico é hoje considerada incontroversa em todos os sectores da opinião pública. As palavras então proferidas pelo sr. António Champalimaud, tiveram o duplo mérito de esclarecer e informar, por um lado; por outro, constituíram claro convite aos mais vastos sectores da poupança nacional—isto é, aos mais modestos—, para participarem no empreendimento. E ainda bem que assim foi. O problema interessa a toda a nação, pelo que é da maior vantagem que esta seja, com frequência, informada do seu progresso.

Até agora, tem estado a economia nacional sujeita ao pesado encargo das importações de produtos siderúrgicos do estrangeiro. O arranque da fábrica do Seixal, marcado para o próximo ano, reflectir-se-á, com evidente benefício, na melhoria da nossa balança de pagamentos.

Vejamos porquê. A expansão do consumo de aço no mercado internacional provo-

ca a constante subida de preço desta imprescindível matéria, base da quase generalidade do labor industrial. Em 1959, esse aumento foi, em relação ao início do ano, da ordem dos trinta a quarenta por cento. Apesar do formidável esforço de desenvolvimento da indústria siderúrgica em todo o mundo, o concomitante incremento das restantes actividades industriais absorve quantidades cada vez maiores dos produtos siderúrgicos, tudo levando a concluir que esta situação tende a manter-se, senão a agravar-se. Relativamente a

Portugal, o esforço de industrialização em que estamos empenhados, levou a Comissão Económica para a Europa das Nações Unidas a estimar que o consumo de aço, de 280.000 toneladas em 1958, e de 305.000 em 1959, passará para 1.200.000 entre 1972 e 1975. Estes números são suficientemente esclarecedores da importância do fornecimento de aço à economia portuguesa. Sendo assim, num país como o nosso, onde existiam condições propícias à instalação da indústria siderúrgica, não se poderia considerar válido

(Conclui na página 2)

CRÓNICA DA SEMANA

BRASÍLIA

por António Maria Zorro

Brasília começou por ser, para o público português, e de um modo geral para o público europeu, uma espécie de absurdo. Não se compreendia que a capital do Brasil se afastasse da esplendorosa baía do Guanabara, que saísse da cidade maravilhosa que é o Rio de Janeiro—o Rio, cartão de visita internacional do Brasil.

Depois, à medida que as notícias foram cumprindo o seu dever, caindo gota a gota na opinião pública e adoçando-a, começaram a perce-

ber-se as vantagens do empreendimento, além da sua extraordinária audácia: tratava-se de libertar a administração brasileira da asfixia de uma grande cidade como é o Rio de Janeiro; tratava-se, sobretudo, de levar o Brasil para o interior do continente sul-americano, de fazer projectar nesse interior os altos índices de progresso alcançados nos Estados litorais, de iniciar a última etapa da ocupação plena do território brasileiro—numa palavra: de acabar o Brasil.

A construção de Brasília passou então a ser um daqueles acontecimentos «vedeta», um daqueles «best-sellers» da opinião pública, de que toda a gente fala mesmo sem conhecer nada do assunto e de que todo o papel impresso se sente na obrigação de dar notícia e gravura. O montante das verbas investidas na construção da nova capital brasileira—cerca de quatro milhões e quinhentos mil contos—pareceu fabuloso aos nossos economistas amadores; a arquitectura ultramoderna da cidade nova, concebida por Lúcio Costa à imagem de um gigantesco dragão alado, tornou Oscar Niemeyer um ídolo da gente moça que estuda arquitectura, se interessa por artes plásticas ou, muito simplesmente, gosta do que é moderno; ainda se não tinham erguido as paredes fantasmagóricas do Palácio da Alvorada e já havia quem as con-

(Conclui na página 2)

A IMPRENSA REGIONAL

tem prestado relevantes serviços, graças ao espírito de sacrifício e à dedicação de um escol que bem merece o estímulo e a simpatia dos portugueses

—afirmou o sr. Ministro das Corporações ao entregar o alvará de constituição do respectivo Grémio

O alvará e os estatutos do Grémio da Imprensa Regional—instituição que abrangerá no seu âmbito todas as entidades proprietárias de publicações de periodicidade não diária, publicadas no continente e nas ilhas adjacentes e que não tenham carácter científico, ou literário ou indole meramente publicitária, que se destine apenas aos sócios de determinada pessoa colectiva

—foram agora entregues à respectiva comissão directiva pelo sr. ministro das Corporações.

A cerimónia realizou-se no gabinete daquele membro do Governo, estando presentes os membros da comissão, composta pelos srs. cónego José Galamba de Oliveira, Nuno Rossini Rosado, Gentil Marques, Carlos Manuel Saudade e Silva, D. Elisa de Carvalho, Mário Lyster Franco e José Casimiro da Silva, respectivamente directores da «Voz de Domingo», de Leiria; «Notícias do Cartaxo»; «A Festa», de Lisboa; «Gazeta das Caldas»; «Jornal Feminino», do Porto; «Correio do Sul», de Faro, e «Estrela da Manhã», de Vila Nova de Famalicão. Viam-se ainda os srs. secretário nacional da Informação, dr. Moreira Baptista, directores de jornais e outras individualidades.

Falou em 1.º lugar o sr. Nuno Rossini Rosado, Director do «Notícias do Cartaxo», que além de referir o valor da Pequena Imprensa, e bem assim o interesse que os problemas desta merecem ao Governo, declarou:

«Confiemos agora na acção que compete ao Grémio Nacional da Imprensa Regional. Confiemos no prestígio que há-de possuir no seio das Corporações e no amparo que todos esperamos encontrar junto do Estado. Sabemos que a tarefa é ingrata, e que os obstáculos não hão-de faltar, mas temos connosco a persistência e a certeza de que o Governo, que sempre tem contactado com a Imprensa regional para servir o País, há-de certamente também ter presente estas palavras que com outras de estímulo e de muita fé, nos foram dirigidas pelo sr. Presidente da República, quando nos deu a honra de receber-nos há um ano no Palácio de Belém: «Em Portugal não há grande nem peque-

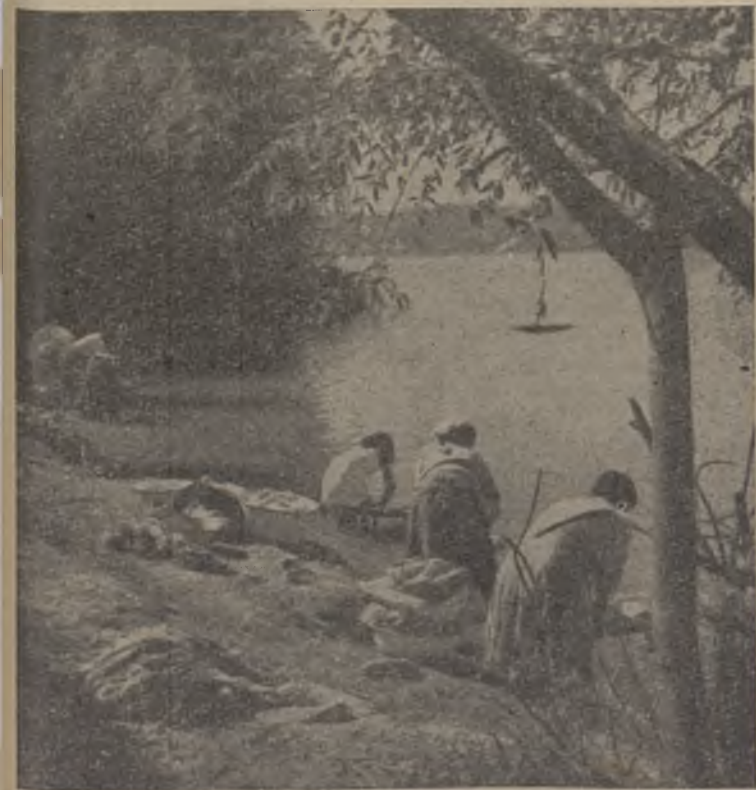
na Imprensa; há uma só Imprensa para servir a Nação». Sob este princípio continuamos a agir. Cada jornal com a sua independência, com a orientação que lhe imprimem os seus dirigentes, mas todos tendo como único objectivo: servir os superiores interesses do País».

Em seguida falou o Director da «Estrela da Manhã», tendo afirmado numa passagem do seu discurso:

«Eu habituei-me a admirar o querer inabalável, a forte disciplina e a espantosa actividade de um alto funcionário do I.N.T. que iniciando na delegação de Braga a sua fulgurante carreira deveria ser um dia chamado à mais alta chefia do departamento respectivo, onde hora a hora, no

(Conclui na página 2)

IMAGENS DE PORTUGAL



Os rios de Portugal oferecem soberbos panoramas e o Nabão, onde esta foto foi obtida, é disso um magnífico exemplo.

POSTAIS PORTUGUESES



A Madeira, a Pérola do Atlântico, é também um repositório de engraçados tipos e costumes, como o que se reinterpreta nesta gravura.

A IMPRENSA REGIONAL

(Conclusão da primeira página)

grisalho precoce dos seus cabelos, que nunca nas aliás naturais mas ainda inexistentes expressões de cansaço, nós adivinhámos a sua espantosa e frutuosa actividade, maior ainda do que a da memorável, histórica e triunfal Campanha Nacional da Educação de Adultos, o primeiro grande «milagre» de V. Ex.^a. Com os olhos, pois, no esforço de V. Ex.^a, que foi guia dos meus primeiros passos de humilde dirigente corporativo naquele distrito, eu recorde certo contemporâneo de Pascal — João de La Bruyère — bastante mais moralista que filósofo, quando na abertura dos seus «Caracteres» escrevia: «Restituo ao público o que o público me deu, pois foi o público que me sugeriu o assunto desta obra; e é justo que, depois de a ter feito e acabado com todo o respeito que a verdade me merece, eu faça ao público essa restituição».

El terminou: «Eu também restituo a V. Ex.^a sr. ministro Veiga de Macedo, tudo o que de V. Ex.^a como ensinamento, fé no sistema e exemplo de trabalho recebi, pois a minha modesta actuação no documento que acaba de aprovar-se, é obra do esclarecimento e do exemplo de V. Ex.^a. Tarefa acabada, venho aqui restituir-lhe os ensinamentos que recebi e restituo-lhos, sr. ministro, com toda a pureza de que vieram imbuídos, embora com os defeitos próprios de quem não pôde ou não soube de todo corrigir-se».

O cônego dr. Galamba de Oliveira proferiu também algumas palavras. Fez um rasgado elogio da acção desenvolvida pelo ministro das Corporações na solução dos vários problemas de carácter social, referiu-se à valiosa interferência do secretário nacional da Informação, a quem se deve a realização dos congressos da Imprensa regional, e declarou:

«A Imprensa regional é uma grande força, sob muitos pontos de vista económico. As empresas que hoje se agremiam são, pelo menos, na sua quase totalidade, economicamente independentes, mas com uma vida feita de heroísmos e por isso mesmo periclitante. Seria um erro descurar os problemas que lhe tornam a vida angustiosa».

A terminar afirmou: «Posso afiançar-lhe, sr. ministro, sem receio de errar, que V. Ex.^a, o Governo e a Nação podem contar com a Imprensa regional portuguesa e com os homens que abnegadamente nela trabalham».

Pode V. Ex.^a ficar certo de que amanhã, como ontem e hoje, continuaremos, cada qual com a sua maneira pessoal de pensar e de reagir em problemas e em pontos de secundária importância, mas todos unidos, como sempre, ao serviço dos grandes ideais de Deus, Pátria e Família».

O discurso do dr. Veiga de Macedo

Por último, o sr. dr. Veiga de Macedo, após ter agradecido a presença do sr. secretário nacional da Informação e das restan-

tes individualidades, proferiu um discurso, em que começou por assinalar a intensificação do movimento corporativo.

«Para se apreciarem — observou, a propósito — os esforços despendidos na execução de tarefa tão vasta bastará lembrar que nos últimos quatro anos se tornou possível, além da criação das primeiras oito Corporações, a constituição de dezasseis federações e uniões de sindicatos nacionais e de dezoito federações e uniões de grêmios. Por outro lado, foram aprovados os estatutos de mais de vinte e cinco grêmios, vinte e três sindicatos, dezasseis secções de sindicatos, entre as quais dez secções femininas, e de setenta casas do povo, estas já federadas em quinze distritos».

Manifestando em seguida a satisfação que sentia pela criação do organismo que vai defender os interesses da Imprensa regional, o ministro disse:

«Há muito que o Ministro sabia do empenho de numerosos órgãos dessa Imprensa na integração corporativa da sua actividade. Chegaram a ser recebidas exposições nesse sentido, mas entendeu-se prematuro dar-lhes andamento por não se desejar assumir uma posição sem primeiro se conhecer a expressa vontade dos interessados e sem que estes apresentassem as fórmulas tidas como mais adequadas à estruturação e funcionamento do seu organismo representativo».

Valeu a pena aguardar. A reunião em Lisboa dos dirigentes da Imprensa diária, em consequência de feliz iniciativa do Secretariado Nacional da Informação, muito contribuiu para criar as condições indispensáveis ao reconhecimento por quase todos da necessidade de se organizarem corporativamente. Por isso, já no relatório do diploma que instituiu a Corporação da Imprensa e Artes Gráficas se pôde anunciar para breve a aprovação dos estatutos do Grémio da Imprensa Regional, de modo a assegurar a sua representação na Corporação e a permitir em tão alto plano a salvaguarda dos seus interesses de carácter cultural e económico».

A Corporação entrará em funcionamento logo que o seu Conselho proceda à eleição dos corpos directivos, o que há-de acontecer dentro de pouco tempo. O início das suas actividades, coincide, assim, com a organização do Grémio da Imprensa Regional. Trata-se de coincidência que, apesar de não ser de todo casual, se me afigura auspiciosa, tanto mais que, pela forma como se encontra estruturada e pela categoria dos seus associados e das individualidades que a poderão dirigir, a nova instituição há-de concorrer, por certo, para o êxito e prestígio da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas».

Os estatutos do Grémio, elaborados com o maior cuidado, vão ao encontro das pretensões formuladas pelos representantes dos órgãos regionalistas de informa-

ção. O facto comprova que a doutrina corporativa inspira soluções adaptáveis às realidades multiformes da vida».

Estou seguro, pois, de que o Grémio da Imprensa Regional corresponderá inteiramente ao que dele se espera, se, como é de prever, dirigentes e associados lhe derem a força da sua inteligência e da sua vontade. Da parte do Estado não lhe há-de faltar compreensão e apoio».

El mais não diria, se não quisesse aproveitar a oportunidade para exprimir o elevado apreço em que tenho a Imprensa Regional. O País deve-lhe muitíssimo. É notável o desinteresse da sua acção divulgadora e formativa. Debatendo-se com menores dificuldades, a injustificadamente chamada pequena Imprensa — ela é grande como as maiores! — tem conseguido expandir-se e prestar relevantes serviços, graças ao espírito de sacrifício e à dedicação de um escol que bem merece o estímulo e a simpatia dos portugueses».

Os postos que tenho ocupado nos últimos anos permitiram-me tomar estreito contacto com a Imprensa Regional, o que me confere alguma autoridade para afirmar que ela tem sabido cumprir a sua nobre missão, mantendo-se fiel aos valores do nosso património comum e constituindo-se paladina, em todas as circunstâncias, das grandes causas nacionais».

Particularmente apreciável tem sido a cooperação dos jornais da Província na política de protecção ao trabalho e de doutrinação social que vem sendo desenvolvida. Conhecedora directa dos anseios dos trabalhadores e das condições de vida dos humildes, a nossa Imprensa tem dado reiteradas provas dos melhores sentimentos de solidariedade humana e nunca deixou de encorajar a efectivação dos princípios da justiça social e a melhoria do nível cultural do nosso povo. Assim o atesta a forma como vem apoiando tudo o que se tem feito para uma melhor distribuição dos rendimentos nacionais e como — no prosseguimento aliás, de honrosas tradições — soube colaborar no Plano de Educação Popular e na Campanha Contra o Analfabetismo, a que pude consagrar-me enquanto exerci as funções de subsecretário de Estado da Educação Nacional».

A terminar o sr. dr. Veiga de Macedo declarou:

— Tudo isto, se redobra o meu contentamento por presidir a acto tão significativo, justifica também a confiança com que aprovei os estatutos da nova instituição, cujo alvará muito me apraz passar às mãos de quem, por escolha dos seus pares, a vai dirigir — sem dúvida, com acerto e dignidade».

Os estatutos do nosso organismo corporativo foram depois assinados pela grande maioria das entidades proprietárias dos órgãos da Imprensa Regional».

Terminada a cerimónia a comissão directiva teve a sua primeira reunião».

A Siderurgia Nacional

(Conclusão da primeira página)

qualquer plano de fomento industrial que a não previsse. O elevado peso que a importação da preciosa matéria prima exerce na balança comercial; as flutuações de preço a que está sujeita no mercado internacional; a irregularidade da oferta, sempre dependente das necessidades dos países produtores, são razões, cada uma por si, suficientes para encaramos a sua produção em Portugal como peça fundamental de estabilidade económica».

Estamos, portanto, perante uma indústria de invulgar projecção nacional. Com tal dimensão se coaduna perfeitamente a atitude da empresa, ao ligar a si os detentores de pequenas economias. O número de accionistas é já superior a 3.200 e, segundo se anuncia, está em estudo a possibilidade de se baixar o valor nominal das acções, por forma a torná-las mais acessíveis».

Muito embora, dados os seus largos recursos, a Siderurgia Nacional pudesse pres-

cindir da participação do pequeno capital, filia-se esta resolução em judicioso e são critério. Na verdade, e como disse o presidente do Conselho de Administração da Empresa, «a experiência estrangeira mostra que a democratização do capital constitui um processo socialmente vantajoso de acelerar o crescimento das indústrias, proporcionando as condições propícias à criação de complexos indispensáveis ao robustecimento das economias nacionais».

A relevante missão reservada à Siderurgia Nacional no progresso económico do País, a par da já largamente comprovada competência e dinamismo dos seus dirigentes, são factores que garantem novas e importantes perspectivas de prosperidade ao País. Cumpre agora a este rodear a gigantesca iniciativa com o ambiente de carinho e de confiança a todos os títulos merecido, e que será a melhor garantia do seu completo êxito».

Brasília

(Conclusão da primeira página)

siderasse as mais belas do mundo».

Assim, neste crescendo de interesse, Brasília foi-se tornando realidade e fazendo parte das conversas do dia-a-dia lusitano. Aproximou-se a data da sua inauguração. Nomeado legado do Papa à soleníssima cerimónia, saiu do Tejo o Cardeal Patriarca de Lisboa, lembrando ao partir que não levava consigo apenas a representação pontifícia — mas também a do Portugal cristão e missionário, como que a reencarnação de Frei Henrique de Coimbra. Depois, seguiu na mesma rota atlântica a cruz que acompanhou ao Brasil Pedro Álvares Cabral, na viagem de achamento, uma pequena e velha cruz, pertença da Sé de Braga e onde já mal se adivinham os vestígios do crucifixo que foi; depois, ainda, já em vésperas da inauguração, começaram a chegar os relatos da maneira apoteótica como o Rio de Janeiro recebeu o Cardeal Português e as declarações de muitos brasileiros ilustres, associando indissolúvelmente o nome de Brasília ao de Portugal, o primeiro dia de vida da nova capital ao 460.º aniversário do primeiro dia de vida do Brasil como terra lusiada».

Então aquilo que fora apenas interesse ou curiosidade transformou-se de repente em sentida emoção, uma emoção que foge a exprimir-se em palavras, para que a não maculem os lugares-comuns».

Foi, de facto, com um sentimento de ternura que Lisboa soube do nascimento oficial de Brasília lendo de ponta a ponta os pormenores da reportagem e procurando avi-

damente, escutar pela Rádio algo do momento histórico que se vivia do outro lado do Atlântico, na noite luminosa do planalto goiano, estrelada pelo Cruzeiro do Sul e pela esperança de uma jovem e grande nação: — a missa do baptismo de Brasília, celebrada por um Cardeal português perante a cruz da missa do baptismo do próprio Brasil. Com um risonho, sincero, sentimento de ternura — o mesmo, afinal, que se costuma ter quando nos nasce um neto. E tal foi o caso. Tal foi o sentido jubiloso e transparente das mensagens trocadas entre os Chefes de Estado dos dois Países, na manhã clara em que nasceu Brasília».

OS MISTÉRIOS DO ALÉM — Que sabe o homem da vida extraterrena? Que espera encontrar para além da morte? São estas perguntas que frequentemente se fazem, ainda que por vezes de uma forma vaga, inconsciente. E não será essa angústia, essa incerteza que avassala o nosso tempo, fruto da ignorância, do desvio dos verdadeiros caminhos da sabedoria? No fundo, a coberto dessa procura inquietada do destino imediato, lateja a grande interrogação do homem: Que mistério encerra a morte? A felicidade suprema do Reino dos Céus, as penas eternas do Inferno e as penas transitórias do Purgatório, eis os problemas que O HOMEM E A ETERNIDADE, do Professor Reginal Garrigou-Lagrange, esclarece através duma serena e magistral exposição».

Estabelecimento

Arrenda-se, sem trespasse na Praça Gomes Freire, n.º 23 — Montijo, em frente ao novo mercado. — Trata-se, n.º 22. — Telefone, 030 378

Trespasa-se

CASA DE VINHOS E COMIDAS, com habitação e adega. Trata-se na Rua Almirante Reis, n.º 76. Telef. 030134 — Montijo



SIMCA

O carro dos 14 RECORDES MUNDIAIS!

MÁXIMA SEGURANÇA NA ESTRADA

Peça uma demonstração aos concessionários no distrito de Setúbal

MARPAL, LDA.

Rua José Joaquim Marques, 150 - Telef. 030545 - MONTIJO

DESPORTOS

BASQUETEBOL

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão—Zona Sul

MONTIJO, 49 — NACIONAL, 30

O Montijo, soma e segue

No cumprimento do calendário, os Montijenses efectuaram mais um jogo, o antepenúltimo da série, recebendo a visita dos representantes do Clube Nacional de Natação.

Os visitados, mesmo alinhando inicialmente sem José Maria, cedo impuseram o seu melhor jogo, adiantando-se no marcador, mercê da boa «mão» João Bernades.

Os visitantes, dando boa réplica, jogando mesmo melhor nesta partida que em Lisboa, não mostravam capacidade para neutralizar o melhor jogo dos locais, especialmente quando estes empregavam a sua melhor arma de sempre, o contra-ataque.

Neste período inicial, os montijenses, beneficiando da actuação de J. Bernades e M. Ribeiradio, mesmo tendo em conta a má pontaria de Tomás na meia distância, iam au-

mentando a vantagem no marcador a pouco e pouco. Quando J. Maria entrou, já não podia haver dúvidas quanto ao vencedor, dada a maneira como os nossos jogadores estavam a actuar, bem apoiados pelo público.

Entretanto chegou-se ao intervalo com o resultado favorável de 24-16. No segundo tempo, as características do encontro não se modificaram: superioridade absoluta dos locais e boa réplica dos visitantes. Mesmo as substituições feitas na equipa Montijense e a saída de Teodomiro, com 5 faltas, não afectaram o rendimento da turma. Portanto, vitória certíssima, réplica animosa do Nacional, jogo correcto e arbitragem boa.

Sob a arbitragem dos srs. Frederico Sobral e José Correia, as turmas alinharam e marcaram:

MONTIJO: Tomás (11), José Maria (10), Teodomiro (5), Manuel Ribeiradio (8), Américo, Heitor, João Bernades (11), Luciano (3) e António Cepinha (1)—NACIONAL: J. Costa (7), Abel Coelho, Abel Sousa (4), Jorge Ferreira (3), Edmundo Jesus (7), Fernando Ferreira (9), José Pinto e António Ferreira.

DO NOSSO REDACTOR
ARTUR LUCAS

Os jovens representantes do futebol português acabaram de esrever uma excelente página de propaganda desta modalidade no Campeonato Europeu de Juniores. Realmente, em compita com os representantes das grandes potências futebolísticas da Europa, os nossos rapazes não se inferiorizaram, antes pelo contrário, fazendo alarde de uma técnica apurada e excelente preparação, foram, a pouco e pouco, superiorizando-se a todos os adversários, conseguindo atingir as meias finais, onde tiveram como adversários os Húngaros. Neste jogo, em que foram derrotados pela diferença mínima, após prolongamento, só não ganharam porque não tiveram a sorte pelo seu lado, pois foram superiores aos seus adversários. No entanto, esta derrota em nada diminuiu os Portugueses, pois jogaram contra os representantes de uma nação considerada uma das maiores potências do mundo em futebol.

Para a conquista do 3.º lugar, coube aos Portugueses de frontar os Austríacos dentro

Compre-se
PRÉDIO

Informa nesta Redacção.

FUTEBOL

Campeonato Europeu de Juniores

Os jovens jogadores foram excelentes representantes do Futebol Nacional

do seu próprio ambiente. Mais uma vez os seleccionados nacionais conquistaram vitória, aliás prémio justo para a sua superioridade, conquistando assim o 3.º lugar entre 16 equipas. Cremos ter sido a mais alta classificação de sempre, em futebol, conseguida por uma equipa portuguesa.

Por tudo isto, os rapazes são credores de aplauso, admi-

ração e agradecimento de todos os desportistas portugueses, e nós, neste nosso modesto cantinho, os saudamos com respeito e amizade, pois em tudo foram grandes, tanto no aspecto técnico, como no disciplinar, conquistando o público e crítica, logo no primeiro jogo.

OBRIGADO, RAPAZES

Do nosso redactor Artur Lucas

A última carga de Cavalaria

Fica-se por vezes assombrado ao verificar-se a que ponto os grandes estrategas podem enganar-se, teimando em querer à viva força conservar tradições há muito condenadas.

A estratégia e a tática constituem, por si, a arte militar, consistindo a estratégia em distribuir as tropas com vista à batalha e a tática em levar a luta a um fim vitorioso. Imenso jogo de xadrez, infelizmente pago com tanto sangue e tantas mortes.

Na Idade Média, era tradicional que a batalha se iniciasse com uma carga de cavalaria. Esta destroçava as linhas inimigas, dispersava em combates singulares a cavalaria adversa, deixando o campo livre à vilanagem, a infantaria, que limpava o terreno e concluía o aniquilamento das hostes inimigas.

A batalha de Poitiers introduziu alterações. As forças inglesas, por natureza defensivas, começaram por opôr a infantaria ligeira, os arqueiros, à cavalaria do Rei de França, que foi vencida. Terminadas para sempre as enormes cargas de cavalaria, durante as quais os bravos disputavam a honra do primeiro golpe de lança ou de espada. Desde então a cavalaria transformou-se apenas em apoio da infantaria. Certas tradições, porém, mantiveram-se.

Viu-se assim em 1914 — sim, alguns séculos depois de Poitiers — que os generais alemães ou pelo menos alguns deles se encontravam ainda na época do primeiro golpe de espada. Foi em Haelen, pequena comuna belga da Gette, que se desenrolou o drama medieval.

Especada nas margens, a infantaria belga tentou conter a vaga inimiga que avançava a caminho de Bruxelas.

O estado-maior alemão, desejando pôr termo à resistência belga, decidiu lançar um grande golpe. Seriam os Ulanos da guarda imperial, em que abundavam os generais e oficiais oriundos da nobreza, os que dispersariam, uma vez por todas, a vilanagem belga. O comando belga teve a prudência de não utilizar a sua cavalaria. Embuscou os seus granadeiros nas valas e sebes, numerosíssimas na zona flamenga. E a carga germânica lançou-se ao assalto.

Entre os milhares de representantes da nobreza imperial travou-se uma verdadeira corrida para a primeira cutilada. Aos milhares, cavalos, homens, capacetes faiscantes, abateram-se sobre a planície. Do fundo das valas, por detrás das sebes, tranquilamente, a infantaria belga fazia pontaria. Para melhor glorificar a sua empresa, os oficiais alemães haviam até polido especialmente o aço dos capacetes, que cintilavam ao Sol de Agosto. Sete cargas foram lançadas contra as poucas herdades que constituíam o baluarte defensivo belga. Todas essas cargas, porém, se malograram. Nos pontos em que alguns cavaleiros conseguiram romper o muro de metralha, foram abatidos pelas baionetas belgas. Passou-se isto em 12 de Agosto de 1914. Os alemães perderam 3.000 homens.

Chamaram-lhe os belgas a batalha das esporas de prata. A flor da nobreza alemã ficou ali, perto de Haelen. Foram necessários estes três mil cadáveres para que o comando germânico compreendesse. Doravante, lançaria a infantaria à frente. Hoje, um pequeno museu perpetua, em Haelen, a recordação dessa batalha, a última da Idade Média. — ANI.

Enquanto...

VII

Enquanto os jornais, com as suas notícias, nos continuam a arrepiar com a referência frequente a casos de crianças aleijadas ou mutiladas do desmazelo, continua a exigir em larga escala a acção terapêutica e profiláctica de todos os seres bem formados, de molde a conseguir-se um nível de cultura geral que evite tais desgraças, que, na grande maioria dos casos, são apenas devidas ao desleixo, doença da qual tanta gente sofre e que só se cura com a cruzada, tantas vezes esquecida, do professor primário, a predicar no santuário da Escola, do médico idealista a esclarecer e a curar, e da imprensa a difundir princípios de elementaríssima prudência.

Neste capítulo, muito pode o Jornal, até mesmo o mais simples ou o mais modesto, fazendo constar, por esse país fora, que por mais razões que se tenha, nunca se tem razão bastante para abandonar uma criança, deixando-a sôzinha em cada ou em qualquer outro lado onde a desgraça a possa inutilizar para sempre, a desgraça que não cai do céu e que não surge por acaso, pois é tão só o resultado natural da imprudência, que tantas vezes não é senão desleixo esse grande monstro filho da ignorância e enteado do razoável.

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

PRODUTOS BASE

Nitrophoska—adubo completo

Cobox—oxicloreto de cobre

Polyram Z—zinebe (zinco)

Cuprozet—cobre+zinebe (zinco)

Kumulul—enxofre molhável

Perfektan—insecticida

Vendidos por:

MANUEL DOS SANTOS TANECO

Telef. P. B. X. — 030164

MONTIJO

ARTES E LETRAS

CRÓNICA LITERÁRIA

Soares de Passos

António Feliciano de Castilho—o poeta cego—fazia em 1854 uma digressão de propaganda do seu método de leitura. Desejoso de combater a lepra infamante do analfabetismo, que nos aviltava no concerto das nações civilizadas, Castilho percorria o País, para mostrar a forma de se aprender rapidamente a ler. Ao mesmo tempo, o grande poeta realizava saraus literários nas terras visitadas, e uma destas foi o Porto, onde a Imprensa e a academia lhe tributaram uma recepção carinhosa e entusiástica. Numa das festas com que foi homenageado o famoso corifeu do romantismo, apareceu a recitar algumas poesias um jovem poeta português, que muito o impressionou. Um dos poemas tinha por título «O Firmamento» e foi distinguido por Castilho com palavras de sincera e justa admiração. Mais tarde, ao ser reproduzido em centenas de jornais e revistas de Portugal e Brasil, seria classi-

ficado, pela crítica coeva, como o maior monumento poético português do século XIX.

Esse jovem poeta, que jovem morreu em 1860, chamava-se António Augusto Soares de Passos e era filho do comerciante português Custódio José de Passos.

Nasceu António Augusto na época tumultuosa que precedeu a guerra civil. Seu pai, liberal convicto, foi perseguido e, por fim encarcerado. Estes factos, culminado pelo bombardeamento miguelista do Porto, exerceram enorme influência no espírito do poeta. Depois, veio a ofensiva da terrível enfermidade que havia de abatê-lo aos trinta e quatro anos. É preciso conhecer a ambiência que rodeou o poeta, para compreender a sua poesia. «Uma obra—disse Ernesto Renan—só tem valor no seu quadro, e o quadro de toda obra é a sua época». Quer isto dizer que o crítico actual, quando empreende um retrospecto, deve despojar-se de influências circunstanciais do plano temporal em que vive e integrar-se, tanto quanto possível, no quadro em que se moveu o autor da obra submetida a análise. Só assim é possível compreender atitudes mentais e realizações estéticas que, no plano actual, seriam repudiadas como anacrónicas.

Alguns poemas de Soares de Passos—como o «Noivado do Sepulcro», por exemplo—são produtos típicos da era romântica em que o poeta viveu. Talvez hoje despertem sorrisos, mas na sua época arrancavam lágrimas copiosas a meio mundo, principalmente a donzelas sonhadoras. O próprio Camilo Castelo Bran-

co consagrou-lhe palavras de sincera admiração.

Soares de Passos estudou línguas e escrituração comercial, para suceder ao pai na gerência dos negócios. Mas abominava a vida do escritório, e o pai mandou-o para Coimbra. Ali se formou em direito, e quando foi exercer advocacia para o Porto, reconheceu que não tinha também vocação para esse mester. Naturalmente, esquecia as causas, fugia dos tribunais e escrevia poemas no papel selado.

A sua glória data verdadeiramente de 1856, ano em que saiu o seu único livro, «Poesias», que foi um autêntico êxito, um clamoroso êxito. Reunia o volume os poemas dispersos por publicações periódicas; sucederam-se as edições, rapidamente esgotadas. O poeta conquistou, por todo o País, uma aura nunca dantes alcançada por outro vate. Os seus versos eram recitados em todos os salões. Depois da morte, em 1860, o poeta continuou a fazer vibrar de comoção, pelos seus queixumes e lamentos, os auditórios de todo o País.

No dia 8 de Fevereiro do ano corrente celebrou-se o primeiro centenário da morte: recordemos o seu nome como paradigma da arte poética do romantismo.

Apontamentos literários

William Sydney Porter, que veio à luz em 11 de Setembro de 1862, na Carolina do Norte, manifestou desde muito cedo um gosto especial pela leitura fantástica e fabulosa, o que lhe valeu, a par dum conhecimento duro e dramático da vida de todos os dias, uma estreia literária, sob o pseudónimo de O' Henry, das mais promissoras e originais no aspecto humanístico e na frescura estilística da literatura norte-americana.

Assim, *Palmeiras e Presidentes*, que a Arcádia inclui na colecção *Autores Estrangeiros*, é uma colectânea de contos ligados à sensual Corália, uma cidade da costa da Anchúria, república mítica da América Central, onde as personagens perpassam através de esperanças caídas, ambições irrequietas, existências fracassadas e fraquezas humanas como autênticos marcos de comunicabilidade.

Uma observação aberta e emocional da humanidade, uma maturidade de estilo e um sentido preciso e conver-

Nos caminhos de Portugal, largos ou estreitos, das estradas aos carreiros vicinais, duas espécies de padrões ainda hoje encontramos. Uns em ruína impressionante, que lembram o antigo espectáculo macabro de enforcados na solidão dos caminhos e no abandono cruel dos homens.

Outros sobreviventes ao descalabro dos tempos e das populações vizinhas, ou restaurados materialmente na sua forma e reconduzidos espiritualmente à sua função própria.

Cruzeiros e «alminhas», à beira das rotas, trilhadas pela vida movimentada de quem passa. E quantos destes sinais-padrões no interior das povoações, das aldeias rurais às cidades mais requeitadas!

Dos cruzeiros e das alminhas muitos exemplares, vivos ou mortos, isto é, em função social das populações, ou abandonados, mas evidentes, muitos deles estão datados e são interlocutores com quem passa e lê, por meio das suas inscrições e letreiros, que valem como declarações públicas e certidões de identificação.

Os cruzeiros são inteiramente desprovidos de imagem, assim reduzidos à expressão mais simples, sós, erguendo-se no ermo como balizas e marcos viários, soltos como qualquer coluna de pedra e árvore desgarrada; ou com a imagem de Jesus, ora pintada, ora esculpida, e muitas vezes com a Senhora das Dores ou da Piedade, com o Filho morto nos braços, dentro de alpendre, oratório, ermida envidraçada, que humilde lampeão ilumina por obra e graça de esmolas e de dedicação piedosa.

Sinais de morte de gente no lugar onde estão, memória de acontecimentos locais, de história nacional ou de crónica res-

trita, de simples devoção pessoal, familiar ou paroquial, formam escala de valores espirituais, históricos, sociais, artísticos, etnográficos, dignos de todo o apreço e respeito, que não se lhes tem dado sempre. Em 1940, percorreu Portugal a Campanha dos cruzeiros: muitos foram restaurados, outros de novo surgiram; todos foram coroados e cobertos de flores como alegres maios-moços. Justo é, pelo que representam na paisagem das almas, das povoações e dos tempos, que se lhes não perca a estima.

As «alminhas» representam sempre o chamamento dos mortos aos vivos. Os vivos nunca podem atravessar o mistério da morte e o destino dos mortos. Estão as almas no Purgatório, pois que os vivos rezem por elas, —as almas em pena, as de uns, as de outros, as de todos, «as que lá estão», como a gente do nosso povo diz até quando nos pede esmola e apela para a nossa caridade. Elas pedem. Pedem-nos orações, para que a purificação pelo fogo as torne dignas de entrar finalmente no Paraíso.

Mais ricos ou mais pobres, os painéis das «alminhas» representam-nas em pena, entre labaredas, de mãos implorantes para a Virgem, que as olha do alto com ternura, ou para o Arcanjo Miguel, a dar-lhes a mão pelo mandato divino, que lhe compete. E, como em tantos cruzeiros, a legenda plangente das alminhas pede orações, e insiste no Padre Nosso e na Avé Maria. E uma esmola também para sufrágios por elas. Mas, se elas pedem aos vivos o auxílio da oração, também os vivos lhes pedem intercessão pelas suas necessidades, a elas que estão mais perto ou merecem mais do Céu, quantas, quando se lhes roga, já ali estarão. Mãos amigas enfloram os painéis em dias de devoção e saudade como também, no começo de Novembro, em dias de finados; outras lhes conservam luz votiva de lamparina ou lampeão, quando grades ou vidros resguardem os painéis como nichos e oratórios. Fazem parte, como os cruzeiros, da paisagem espiritual e etnográfica.

PAPÁ, MAMÃ, MINHA MULHER E EU—Com este livro de Jean-Paul Le Chanois completa-se o ciclo da conhecida família Langlois, iniciado em PAPÁ, MAMÃ, CRIADA E EU e esboça-se o começo de um novo ciclo... e tão parecido, que aparece um novo Langlois a querer casar com uma criada. De novo surgem aqui aquelas peripécias que fizeram do filme, também assinado por Le Chanois, uma comédia que recebeu os maiores aplausos do público. Desta vez, Roberto—agora pai de quatro filhos,—numa crise de ciúmes, passa por conquistador; Papá pretende fazer campismo naquilo que será a sua futura casa: um local deserto, povoado de cacos de garrafas; Mamã arranja um admirador, e, finalmente, Catarina, a Catarinazinha, depois de dar à luz gémeos, vê-se envolvida no misterioso caso dos «Envios de flores». Os incidentes sucedem-se em catadupa, num crescendo de graça e interesse. Eis o que reserva ao leitor esta magnífica comédia lançada pela Editorial Aster e integrada na colecção OS MELHORES ROMANCES DE HUMOR.

das crenças acomodaticias e epidérmica», com magistral acuidade intelectual e significado humano.

Joaquim Acácio de Figueiredo

EÇA DE QUEIRÓS

evocado em Inglaterra

BRISTOL — O escritor português Eça de Queirós foi evocado nesta cidade, onde viveu algum tempo exercendo o cargo de cônsul de Portugal, sendo descerrada, na casa onde morou, uma placa mandada afixar pela municipalidade.

A convite do Lord-Mayor de Bristol, assistiram à cerimónia o embaixador de Portugal em Londres, general Abranches Pinto, sua mulher e o filho do grande romancista português, António de Eça de Queirós.

Primavera

Como a paz que se anseia, vens descer
Até nós com teu manto de princesa,
Susitar alegria em cada ser
Adornar em delírio a natureza!

Os corações em coro te aclamam
Num hino piedoso, triunfal:
—Benvinda sejas, todos assim cantam,
A esta terra, teu país natal!

Sois linda e bela, quente como a prece,
Ó bela dama, ilustre visitante
Apenas chegas, a terra floresce!

E no aroma dos teus lábios em flor,
Março em botão desabrocha radiante
Num beijo de noivado, de amor...

J. Magalhães de Barros

(1.º cabo av. B. Aérea, 6 Montijo)

17-3-60